

**Wilfredo Aliana**

Doutor em Cultura e Educação  
(Universidad Arcis, Chile); mestre em  
Ciências e Técnicas (Université Saint-  
Denis-Vincennes-Paris VIII); ator e diretor  
da Companhia de Teatro Espontâneo  
TransHumanes (Santiago, Chile).

# UMA ANARQUIA CONSTRUTIVA

## NOTAS SOBRE O LANÇAMENTO NO CHILE DO LIVRO **TEATRO DA ANARQUIA**, DE MOYSÉS AGUIAR, EM JANEIRO DE 2009

- “A gente se deu conta de que estávamos desconcertados e que sentíamos medo, quando nos defrontamos com esse dispositivo, inédito para nós, em que a emoção desempenhava um papel tão importante. E a participação das pessoas se manifestava de formas tão diferentes”.

Este comentário, extraído da conversa com os companheiros da Editorial Quimantú (instituição destruída pela ditadura militar e hoje renascida, na forma de um projeto político popular), que assumiu o desafio de produzir no Chile o livro **Teatro de la anarquía** (Un rescate del psicodrama), de Moisés Aguiar, é um dos inúmeros relatos possíveis da noite, no espaço do “El Sindicato, Centro Cultural y Social”, onde se realizou o lançamento da edição, no dia 23 de janeiro de 2009.

-“Para o lançamento na SECH (Sociedad de Escritores de Chile), já estávamos mais preparados e nos misturamos com todos, dançamos e nos abraçamos, e entrevistamos a partir do mais vívido que ia surgindo”.

Realmente, os dois eventos que assinalaram o início do lançamento do livro de Moisés, no Chile, foram diferentes entre si, porque o trabalho inspirado nesse livro proporciona, para distintos públicos, diferentes expressões, processos distintos. Assim, enquanto em El Sindicato o lançamento se transformou numa festa popular, com estrutura carnavalesca, e as crianças pediam para ver de novo as cenas (como se fossem um produto ensaiado e repetível), na SECH, uns dias depois, a lírica, a metáfora, as ritualidades de contenção e acolhida que surgiram espontaneamente do público estabeleceram um alto nível de debate político e social, com referências expressas à história do país.

É que o livro de Moisés encontra no Chile um público heterogêneo e entusiasta, que se identifica com o chamamento da “Compañía de Teatro Espontâneo TransHumanes”, que o apresentou, tanto em função das for-

mas abertas e afetivas do encontro com a comunidade, propugnadas pelo autor, como em decorrência do pulsar mais interno e febril favorecido por sua metodologia de trabalho.

O livro e o trabalho de Moysés com a comunidade têm identidade e consequência muito nítidas, uma coerência de discurso e de ação, revelando uma busca de muitos anos do companheiro brasileiro, que começa a marcar de maneira interessante essa relação entre arte, cultura, saúde e comunidade no Chile. Como trilhas na selva, é um caminho que só se cria no movimento, mas impacta os caminhantes como uma resposta metodológica clara, adequada para a época e para as demandas da sociedade atual.

Ao final da sessão de bibliolancamento em El Sindicato, a sensação que prevalecia era de comunicação. Em meio às cento e trinta pessoas, de diversos segmentos populacionais, surgiam as vozes que expressavam essa sensação, com satisfação e confiança. Outras vozes não foram menos importantes.

O professor Rolando Pinto contou o que se passou com ele, quando leu o livro de Moysés: «Ocorreram-me várias coisas. Rejeição absoluta, do ponto de vista do intelectual. Eu venho da Educação, e não da Psicologia. Tenho uma vivência diferente do que é a Pedagogia. Entretanto, avançando na leitura, fui me reconciliando com Moysés. Fui descobrindo que aquela pedagogia de ação metodológica tinha que ver com algo muito mais profundo. Tinha que ver com a liberdade: estar com o outro, criar com o outro. Quis ler o livro de uma vez só. Colocando perguntas e afirmações, respondendo com muitas das coisas que ele dizia. Fui me emocionando; não me deixou indiferente do ponto de vista emocional. Um parágrafo que me tocou muito foi aquele em que diz:

*“O protagonista, ou seja, aquele que faz o personagem principal que centraliza a trama, emerge do público”.*

Quanto nos fazem falta protagonistas, no Chile, que emergem do público, da vida, que emergem do povo: não tipos iluminados, que pretendem definir uma política para os outros, não entendendo sequer o que seja a vida do outro! Fiquei intranquilo. Moysés explica que: *“os coparticipantes tanto podem ser atores profissionais, que fazem parte do elenco liderado pelo diretor, como podem vir do público”.* Outra vez o público! Que lindo seria se, neste país, os que pensam a política nos considerassem coprotagonistas da decisão dessa política! Finalmente, Moysés diz que: *“a participação deste (o público) é intensa; durante todo o espetáculo, qualquer de seus integrantes pode intervir na cena, trazendo um novo personagem, cuja atuação pode chegar, inclusive, até a redirecionar a trama”.* Aqui eu disse: bravo! É uma concepção diferente do que é a vida. Pode até ser que eu continue não concordando com muitos dos termos e conceitos. Mas nisto, sim, tenho clareza absoluta: se amanhã cada um de nós nos sentíssemos protagonistas para redirecionar a trama de nossas próprias vidas, talvez pudéssemos sonhar que também temos a possibilidade de ser protagonistas para redirecionar nosso país».

Claudia Marcela Tranchino, psicopedagoga, se interrogava, depois da lei-

tura da obra de Moysés: «Como me transformo e transformo o outro nesta relação, neste encontro, nesse jogo que nos permite construir a realidade, neste coletivo que está representando um grupo maior? Em Educação, se eu posso transmitir isso àqueles a quem ensino, estou co-criando. Sopram ventos novos para o Teatro Espontâneo no Chile, graças também a Moysés Aguiar».

Estas intervenções aconteceram no contexto de uma sessão de Teatro Debate, criação de Moysés Aguiar, com a qual se consegue avançar na prática artístico-social que seu livro argumenta. Os atores intervêm, em meio ao debate, através de uma cena curta, de não mais que um minuto, que capta o que o público está discutindo, ou o clima reinante no meio da audiência. Imediatamente, recomeça o debate, potencializado pela metáfora da cena teatral.

Assim, vimos desfilar temas da grupalidade, que pareciam saídos do texto do psicodramista brasileiro como, por exemplo: podemos passar da vergonha à felicidade; a falta de comunicação começa em cada um de nós; a dor pode ser útil. Surgiram propostas no sentido de resgatar a solidariedade perdida, assim como de amalgamar falta de comunicação e morte, espaços da não escuta.

Com muita emoção, Moysés Aguiar se referiu ao que estava ocorrendo ali, à força da busca que estava acontecendo entre nós, uma busca do sentido do que ele fazia.

Este livro que, afinal, temos a oportunidade de ler no Chile, abre portas a um diálogo frutífero entre aqueles que nos identificamos com as preocupações do autor a respeito de temas centrais para a história e para o futuro de nosso país.

Moysés menciona a importância de se lançar a discussão sobre as relações de poder, capaz de quebrar os mitos em que se baseia o controle social, advertindo a respeito das nefastas consequências da recusa a essa discussão por uma parte de nossa sociedade. Aponta também os profissionais que temem sair dos caminhos confortáveis da intervenção social tradicional, pretendendo restringir sua atuação a uma dimensão apolítica, evitando tomar conhecimento das propostas científicas, terapêuticas, educacionais e artísticas, transformando-se em guardiães da ordem estabelecida.

«Tal discurso não resiste à evidência de que a atividade psicoterápica é parte de um todo social – o sistema – e que esse todo não só a afeta diretamente (quando não a define), quanto, mais ainda, é por ela afetado em maior ou menor grau. O psicodrama implica, assim, uma iniciativa política».

As obras têm uma vida independente de seus autores. O livro «Teatro de la anarquía» (Un rescate del psicodrama) começou a circular por nosso pequeno, comprido e distante país. Não é utópico pensar que esta aventura que começa terá importantes consequências na vida de muita gente. Há forças novas que apontam nessa direção. Não dá mais para esperar.

Endereço do autor:  
Carlos Edwards, 1435  
Comuna de San Miguel  
Santiago - Chile

E-mail: wilfredoaliana@manquehue.net